

Relato de uma experiência grupal com pessoas aposentadas: construindo narrativas, sentidos e novas perspectivas

Amanda Passarella Araujo

Daniele da Silva Fébole

Isadora Pereira Martins

João Henrique Colombo Nascimento

Luana de Mello Calvo

Marina Kleinschmidt

Vinicius Vattos Costa

Introdução

A aposentadoria é um direito social previsto na constituição (Brasil, 1991). Além de ser um benefício social, a inatividade remunerada representa também uma transição de papéis. No modo de organização social em que vivemos, desde a infância o trabalho tem lugar central no desenvolvimento do sujeito, sendo um dos objetivos principais na vida. Nesse contexto, a aposentadoria aparece como uma forma de transformação do vínculo do sujeito com o trabalho, o levando a buscar formas de reorganização de si mesmo, no que se refere, sobretudo, a sua identidade. Portanto, a partir desse momento o sujeito precisa reorganizar a sua identidade (Costa et al., 2022). Esse período também é marcado por mudanças físicas e sociais decorrentes do envelhecimento, sendo assim, a psicologia tem papel fundamental nesse processo, podendo contribuir na elaboração de novos sentidos, ressignificação de história de vida e novas formas de pertencimento.

O *Construcionismo Social* nos possibilita compreender as diferentes formas pelas quais a sociedade produz sentidos sobre o trabalho e a aposentadoria, bem como como essas construções atravessam a vida dos sujeitos. Foucault (2016) nos lembra que estamos inseridos em relações de poder que orientam e regulam nossas escolhas, de modo a ajustá-las às normas socialmente estabelecidas. No entanto, o autor também afirma que “onde há poder, há resistência” (Foucault, 1988, p. 91), ressaltando que o sujeito não é apenas passivo diante dessas forças, mas participa ativamente da criação de si, inclusive na maneira como vivencia a aposentadoria.

Em uma sociedade em que o trabalho ocupa lugar central na construção da identidade, a aposentadoria é frequentemente narrada como sinônimo de fim da vida produtiva, improdutividade e inutilidade. Nessa perspectiva, o sujeito deixa de ser visto como participante ativo da vida social e passa a ocupar o papel de espectador. Buscando problematizar esses discursos, que individualizam a responsabilidade e naturalizam a associação entre valor pessoal e trabalho, esse texto tem como objetivo destacar e relatar a experiência de um grupo operativo com aposentados, apontando

processos de construção de sentidos, trocas coletivas e aprendizagens a fim de retratar a construção dessa experiência grupal.

Referencial teórico

A aposentadoria é predominantemente descrita por aquilo que as pessoas não são quando não estão trabalhando (Costa et al., 2022), ou seja, em vez de reconhecer o que a pessoa é ou pode se tornar nesse novo momento da vida, o discurso social tende a descrevê-la a partir da ausência do trabalho. Essa forma de narrar a aposentadoria esvazia a noção de futuro, pois fixa o sujeito em uma identidade ancorada no passado - no que ele *foi* enquanto trabalhador -, dificultando que se elaborem novas possibilidades de existir e projetar a vida.

Na transição para a velhice há um decaimento do auge de seu desenvolvimento para um novo lugar social em que a atividade principal é relegada a um segundo plano, dando lugar a uma nova atividade e instaurando-se um novo período do desenvolvimento (Facci, 2004). Ocorre, nessa transição, a instauração de uma crise em conjunto com a perda das capacidades físicas e a diminuição da potência das funções psíquicas superiores (Reis e Facci, 2017).

A transição para a velhice, também referida como terceira idade, marca uma passagem significativa no curso do desenvolvimento humano, em que o sujeito se desloca de um período de pleno engajamento produtivo para um novo lugar social, no qual a atividade principal - o trabalho - perde centralidade e dá lugar a outras formas de ação e sentido (Facci, 2004). Esse deslocamento, no entanto, nem sempre ocorre de modo tranquilo, pois, ao romper com uma rotina estruturada e com uma identidade historicamente construída em torno do fazer produtivo, instala-se um conflito que pode ser acompanhado por sentimentos de perda, inutilidade e descontinuidade da própria história. Além das transformações sociais e simbólicas, somam-se as mudanças biológicas e cognitivas, como o declínio das capacidades físicas, o que intensifica a necessidade de novas formas de elaboração subjetiva.

Nesse contexto, a Psicologia assume um papel essencial ao promover espaços de escuta, acolhimento e reconstrução de sentidos, contribuindo para que o sujeito possa reconhecer outras dimensões de si - afetivas, relacionais, criativas, simbólicas e individuais - que sustentam a sua saúde mental e o auxiliem a perceber esse momento da vida a partir de seus horizontes e não apenas do seu passado.

O grupo "*Horizontes de Mim*" foi composto por pessoas que estão no momento da vida denominado de terceira idade e, por isso, a nossa escolha de relacionar a aposentadoria com este momento do desenvolvimento humano. A forma como o grupo foi formado será descrito a seguir.

Metodologia

O presente estudo deriva de uma experiência desenvolvida no contexto do estágio supervisionado em Psicologia, realizada em parceria com um grupo de pessoas aposentadas. As atividades ocorreram ao longo de seis encontros quinzenais, estruturados como um grupo operativo com caráter de apoio e reflexão coletiva. O principal objetivo desse grupo foi oferecer um espaço de escuta e diálogo no qual os participantes pudessem compartilhar vivências relacionadas à aposentadoria, refletir

sobre os sentidos atribuídos a essa etapa da vida e construir, de forma colaborativa, novas possibilidades de pertencimento e significação.

O grupo contou com a participação de pessoas idosas, com idades variando entre 59 e 77 anos, todas aposentadas e inseridas em diferentes contextos familiares e sociais. As atividades foram planejadas e conduzidas por estagiários sob supervisão docente, com suporte de uma equipe reflexiva, responsável por auxiliar na condução das discussões e na observação dos processos grupais.

Durante os encontros, foram utilizadas diferentes estratégias metodológicas, tais como: rodas de conversa, dinâmicas reflexivas e produções coletivas - como elaboração de textos, imagens ou relatos simbólicos -, voltadas à promoção de trocas significativas entre os participantes. Essas práticas favoreceram a emergência de narrativas sobre o envelhecer, o tempo livre e a reconstrução da identidade após o fim da vida laboral.

Além de compreender os conteúdos que emergiram das falas e das interações do grupo, o estudo também buscou refletir sobre a experiência vivida pela equipe organizadora e coordenadora. Nosso interesse foi analisar o que esses encontros nos possibilitaram aprender acerca da dinâmica e da organização grupal, bem como sobre os desafios e potências do papel do coordenador em espaços coletivos de reflexão. Essa perspectiva ampliou o olhar da pesquisa, permitindo reconhecer o grupo não apenas como campo de intervenção, mas também como espaço formativo e de transformação para aqueles que o conduzem.

As reflexões produzidas foram analisadas à luz do *Construcionismo Social*, abordagem que compreende o conhecimento e a subjetividade como produções situadas nas relações e nos discursos. Nessa perspectiva, o sentido não é algo dado, mas construído coletivamente a partir das interações, da linguagem e dos contextos socioculturais em que os sujeitos estão inseridos. Assim, a análise buscou compreender como os participantes co-construíram significados sobre a aposentadoria e sobre si mesmos, valorizando os processos de diálogo, pertencimento e criação coletiva que emergiram no grupo.

Centralidade das relações afetivas e familiares

Durante os encontros do grupo "*Horizontes de Mim*", observamos na narrativa dos participantes que o tema "família" aparecia como ponto de referência para as compreensões sobre suas trajetórias de vida e como conseguiram se desenvolver a partir da forma que as relações no núcleo familiar se organizavam. Em algumas histórias, ela foi evocada como espaço de sustentação e de pertencimento, marcada por vínculos de apoio e afetividade. Em outras, surgiu associada a experiências de rigidez, ausência ou conflito conjugal, revelando a coexistência de afetos ambíguos. Essa multiplicidade de repertórios interpretativos, como afirma Spink (2004, p. 28), levou-nos a compreender a família como um campo discursivo de produção de significados, constantemente atualizado nas formas de narrar e de se narrar.

A estrutura metodológica do grupo foi determinante para que essas dimensões pudessem emergir. As atividades da "*Linha do Tempo*" e "*Árvore da Vida*" atuaram como dispositivos que favoreceram o retorno a momentos e figuras significativas das trajetórias pessoais.

A atividade da "*Linha do Tempo*" foi proposta logo no primeiro grupo, a fim de estimular as recordações das trajetórias pessoais de cada um em toda a vida, isto é, da infância até a velhice. Além do objetivo pessoal de cada um, também foi proposta para que o grupo se conhecesse mais e começassem a trocar vínculos e confiança entre si.

A atividade da "*Árvore da Vida*", foi construída com papéis do tipo EVA e Kraft, onde os estagiários recortaram e desenharam as partes da árvore isoladamente a fim de que fossem sendo construídas, através da colagem, a partir das falas do grupo. Esse material serviu para simbolizar, de forma concreta, os caminhos percorridos em suas falas. As raízes representavam seus valores e figuras de referência, já o tronco quais seriam suas contribuições e papéis desenvolvidos a partir das raízes. Os frutos estavam ligados aos legados e desejos que já foram deixados e que ainda desejam deixar.

As perguntas orientadoras nas duas atividades - que buscaram compreender quem esteve presente nos momentos de dificuldade, aos valores transmitidos e ao legado que se deseja deixar -, criaram condições discursivas que permitiram o surgimento espontâneo dos temas, possibilitando compreender a influência da família em cada história. À medida que as falas se entrecruzavam, o grupo se constituía como um espaço de circulação de sentidos, tal como propõe Spink (2004, p. 27): um campo que se forma quando duas ou mais vozes se confrontam, possibilitando que cada participante reconstrua versões de si ao narrar e ao entrar em contato com as narrativas dos outros. Segundo a autora, o significado é sempre construído na interação, emergindo do encontro entre vozes, posições e contextos. Essa perspectiva nos permitiu compreender o grupo como um dispositivo relacional, em que as fronteiras entre o individual e o coletivo são dinâmicas e permeadas por interpretações - que, como aponta Foucault (1987) citado por Spink, nada mais são do que o próprio intérprete.

Durante as discussões, observamos que, diante de um mesmo tema, no caso da família, houve diversidade de interpretações. Enquanto alguns ressaltaram esse núcleo como base e alicerce de amor e carinho, outros afirmaram que as relações familiares eram envoltas em ausência e conflitos persistentes, na visão de quem cuidou mais do que foi cuidado. Nesse sentido, um dos participantes afirmou precisar aprender valores morais e éticos com os gestores do trabalho, visto que não teve acesso a esses aprendizados dentro da família, e foi nesse ambiente que se sentiu reconhecido pela primeira vez, fato que contrapõe com as experiências dos demais participantes. As divergências de experiência geraram ampliação de perspectivas, revisão de experiências e significados, além da reflexão para que o grupo pensasse na família para além da idealização.

Essa compreensão do grupo como dispositivo relacional também possibilitou observar de que modo certos temas ganharam destaque nas narrativas compartilhadas. Entre eles destacamos, especialmente, as menções aos netos. A frequência com que eles foram lembrados ilustrou de forma clara como os discursos sobre a família operam na manutenção de laços simbólicos e afetivos ao longo do tempo, sendo descritos como continuidade e legado, representando a atualização de valores e o prolongamento da identidade através das gerações.

Como estagiários, compreender essa dinâmica nos levou a reconhecer que trabalhar com narrativas familiares é lidar com processos de subjetivação mediados pela linguagem. As falas sobre o amor, a ausência e o cuidado descreviam experiências

passadas e funcionavam como práticas de reconstrução identitária no presente. O grupo, nesse sentido, tornou-se um espaço de elaboração discursiva no qual a família foi simultaneamente evocada, analisada e ressignificada pelos participantes e assistidas por nós, estagiários. Como destaca Spink (2004), os discursos são atravessados por valores sociais e relações de poder; portanto, ao narrar suas histórias familiares, os participantes também se posicionavam diante das normas culturais que moldam o que se entende por “família”, “amor” e “cuidado”. Por meio da interação entre as vozes e da dinâmica relacional do grupo, foi possível observar a produção coletiva de sentidos e conhecimentos.

Aposentadoria como reconfiguração da vida

Através das discussões desenvolvidas pelo grupo, a aposentadoria pôde ser concebida como uma etapa passível de ressignificação, de forma que ela não se restrinja ao encerramento da vida produtiva - e, conseqüentemente, da vida como um todo - mas sim como a possibilidade de reconstrução de projetos e criação de novos sentidos pessoais. A aposentadoria passou a ser concebida como oportunidade de novos começos, abrindo espaço para investimento próprio, através da valorização do lazer, dos vínculos sociais e do autocuidado. Foi possível observar que, no grupo, já havia um grande interesse nessas atividades, como a participação de grupos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), o que foi ainda mais explorado através de conversas, surgindo interesses como viagens, hobbies e diferentes formas autonomia e preservação da própria vitalidade. Esse momento de redescoberta pessoal destacou a aposentadoria como espaço que permite o sujeito a colher os frutos de sua trajetória, além de experimentar novas formas de ser e estar no mundo.

Contudo, também surgiram nas narrativas as desigualdades que atravessam essas vivências, revelando a aposentadoria como uma experiência específica de cada um, ainda que o ato de aposentar seja comum a todos. A distinção entre aqueles que se aposentaram por tempo de serviço e os que passaram por invalidez revela as desigualdades sociais e econômicas que marcam uma aposentadoria vivida de forma plena e digna. Essas condições materiais e subjetivas influenciam diretamente na forma como cada um pode elaborar esse novo momento de vida: ela pode ser percebida, por alguns, como um tempo de descanso, de retomada de interesses e cuidado consigo mesmo. Para outros, ela surge como um ponto final precoce, marcado por frustrações, adaptações forçadas e sensação de perda.

O grupo mostrou-se, nesse sentido, um espaço de reconstrução simbólica e de ressignificação coletiva, permitindo que, ao compartilhar vivências e escutar as dos outros, os participantes pudessem transformar sentimento de perda em reflexões sobre liberdade, autonomia e colheita dos frutos de uma vida intensamente vivida. Ainda assim, as conversas trouxeram à tona desafios persistentes, como sensação de vazio, arrependimento e a dificuldade de visualizar novas possibilidades. Essa coexistência entre potência e fragilidade revela que a aposentadoria envolve tanto o reconhecimento dos caminhos traçados quanto o enfrentamento das limitações impostas pelo tempo e pelas condições de vida. Desse modo, ela pôde ser compreendida como um processo dinâmico de reconfiguração: um exercício constante de reconstruir sentido pessoal, reafirmar sua autonomia e redescobrir o valor de existir para além do trabalho.

Sentido do trabalho e legado

O trabalho foi narrado como um elemento central na construção da identidade e na organização da vida dos participantes. Em suas trajetórias, o fazer profissional aparece como espaço de aprendizagem, ética, esforço e contribuição social, constituindo um eixo de sentido que atravessa o tempo e sustenta a percepção de quem se é. Para muitos, o trabalho representou não apenas uma forma de sobrevivência, mas um modo de estar no mundo, um campo de reconhecimento e pertencimento. Essa forte vinculação, contudo, faz com que o desligamento do papel produtivo na aposentadoria mobilize sentimentos de perda e descontinuidade, revelando a dificuldade de reconstruir um sentido de si fora da lógica da produtividade. A troca entre os participantes possibilitou que experiências individuais de perda e transição se transformassem em narrativas coletivas de pertencimento e continuidade. O grupo, ao oferecer um espaço de fala e escuta, favoreceu a elaboração desse processo, permitindo que os participantes se reconhecessem nas histórias uns dos outros e ressignificassem suas experiências, reafirmando o trabalho como parte constitutiva, mas não exclusiva, de suas identidades. As histórias compartilhadas revelaram que o apoio mútuo e o reconhecimento do outro foram fundamentais para ressignificar o trabalho e o envelhecimento como processos dotados de valor e potência.

A reflexão sobre missão e legado emergiu como desdobramento natural dessas discussões, ampliando o olhar para o que se transmite às próximas gerações. A metáfora da árvore, com suas raízes, tronco e frutos, possibilitou que os participantes revisitassem o passado e pensassem o futuro, articulando valores, afetos e aprendizagens que desejam deixar como herança simbólica. O amor, a honestidade, a ética e a dedicação foram frequentemente mencionados como legados - mais significativos do que conquistas materiais. O grupo funcionou como um espaço de reconstrução simbólica, no qual a aposentadoria deixou de ser vista como fim de um ciclo produtivo e passou a ser compreendida como abertura para novas formas de existir e contribuir. Ao mesmo tempo, revelou-se a tensão entre o orgulho das próprias raízes e o sentimento de que os frutos já não florescem com o mesmo valor em um mundo em permanente mudança. Ao atribuírem sentidos ao trabalho e ao legado, os participantes teceram um movimento que vai do sentimento de falta à potência, do isolamento à partilha de sentidos e afetos. Essa ambivalência traduz o desejo de manter viva uma continuidade simbólica frente às mudanças e à finitude. Do ponto de vista clínico e formativo, esse movimento pode ser compreendido como uma elaboração coletiva de luto e de sentido: ao reconhecer o trabalho como expressão do humano e não apenas como atividade produtiva, o grupo pôde afirmar que o verdadeiro legado não está apenas no que se constrói, mas no que se compartilha, nas marcas éticas, afetivas e relacionais que permanecem no outro.

Temporalidade e horizontes

A proposta do grupo como um espaço de reflexão e do resgate de sua própria história, liga-se à percepção do passado, presente e futuro. Isto é, deixa em evidência a temporalidade, situando as vivências nos diversos momentos e as relações entre elas. Spink (2004) discorre sobre a inserção do discurso em um contexto histórico e social em que os significados presentes no cotidiano são produzidos historicamente e se relacionam com o tempo. Assim, a temporalidade atua como uma das dimensões do

discurso, uma vez que memória, experiência presente e antecipações de futuro organizam a forma como se narra, se interpreta e se vive o cotidiano.

A metáfora da árvore revelou-se especialmente potente para compreender como a temporalidade se manifesta nas narrativas dos participantes. As raízes foram associadas a um olhar voltado ao passado, evocando sentimentos de saudade e reconhecimento das famílias como alicerces de vida, portadoras de valores, aprendizados e experiências fundantes. Esse passado foi lembrado não apenas como o início de suas histórias pessoais, mas também como o marco de suas trajetórias profissionais, onde se delinearão identidades e sentidos de pertencimento.

O tronco, por sua vez, simboliza o eixo que sustenta a vida e representou o trabalho como elemento central na constituição de cada um - um espaço de desenvolvimento pessoal, de construção de vínculos e de trocas significativas ao longo dos anos. Quando se voltam para o momento presente, os relatos indicam transformações nas percepções sobre si e sobre o papel do trabalho em suas vidas. Alguns participantes relataram um processo de desvinculação gradual com a atividade profissional, enquanto outros encontraram novas formas de exercê-la, seja em um ritmo mais leve, seja por meio de trabalhos voluntários.

A aposentadoria apareceu como um ponto de virada importante: um tempo de redescoberta de gostos e vontades antes adormecidos, de maior disponibilidade para o lazer e de cuidado voltado a si. Muitos mencionaram a prática de atividades físicas, o início da psicoterapia e a participação na Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) como formas de manter o corpo e a mente ativos. A UNATI foi descrita não apenas como um espaço de aprendizado, mas também como um ambiente de convivência e pertencimento, onde as trocas cotidianas favorecem a produção de novos sentidos sobre o envelhecer e o viver coletivo.

Em contraste a isso se tem a visão social da aposentadoria, muito atrelada à finitude da vida, morte e invalidez. O grupo apresentou uma visão sobre o futuro, que revela diversos horizontes possíveis, no sentido de apresentarem planos e desejos, principalmente ressaltando que as pessoas não querem parar de viver, mas sim, buscar novos sentidos para si, através de hobbies, do contato com a família e de um retorno ao olhar para si mesmo.

Considerações finais

A partir do trabalho realizado com o grupo de aposentados, foi possível perceber como histórias de vida marcadas pelo trabalho foram se moldando ao longo do tempo, constituindo os sentidos que os participantes atribuem a si mesmos. A experiência, organizada na modalidade de grupo operativo, possibilitou o encontro entre diferentes trajetórias, que, ao serem compartilhadas, produziram um espaço de escuta, acolhimento e aprendizado - tanto para os integrantes do grupo quanto para nós, enquanto equipe coordenadora. Nesse processo, chamou a atenção o reconhecimento, por parte dos participantes, da forma cuidadosa, sensível e metodologicamente estruturada com que conduzimos os encontros, evidenciando o impacto de uma prática planejada, ética e afetuosa.

Cabe destacar que a temática da aposentadoria ainda é pouco explorada na formação em Psicologia. Por isso, tanto esse tema quanto outros a ele relacionados - como envelhecimento, saúde mental na terceira idade e perspectivas de cuidado -

configuraram para nós uma experiência inaugural. Ainda assim, a busca por fundamentação teórica e sua articulação com as experiências emergidas no grupo revelaram a pertinência dessa discussão no campo da Psicologia e a urgência de sua valorização nos currículos de formação.

Nesse percurso, o *feedback* de uma das participantes reforçou elementos fundamentais da prática vivida. Destacou-se a segurança e o preparo do grupo de acadêmicos na condução dos encontros, bem como a relevância da metodologia empregada, especialmente a alternância entre o grupo que coordenava as atividades e o grupo que observava. Essa estratégia permitiu diferentes formas de olhar para a experiência: enquanto a condução mobilizava os participantes a ressignificarem suas histórias e experiências com o trabalho e a aposentadoria, a observação possibilitava análises sensíveis, comprometidas e criativas, enriquecendo as devolutivas e fortalecendo a coerência metodológica. Segundo a participante, essa dinâmica conferiu clareza aos papéis de cada equipe e contribuiu para que o grupo refletisse sobre sua condição atual, seus propósitos, sentidos de vida e reconfiguração de horizontes.

Consideramos ainda fundamental que o processo de envelhecimento receba maior centralidade nas políticas públicas do país. Como aponta Martins et al. (2007), se o envelhecimento fosse reduzido apenas aos declínios fisiológicos, a velhice seria interpretada como etapa de falência. No entanto, compreendemos, a partir do grupo, que envelhecer implica continuidade de desejos, projetos e potências, e não apenas cuidados médicos e preservação corporal.

Embora o grupo tenha sido de curta duração e centrado na temática da aposentadoria, tornou-se evidente para nós a importância de oferecer a esse público espaços de convivência, produção de sentido e pertencimento. Diante disso, ressaltamos a necessidade da continuidade de iniciativas como esta, bem como da criação de projetos de extensão e redes de apoio - como a UNATI - em articulação com os setores de saúde e assistência social. Tais ações podem fortalecer a inserção de aposentados - e, por consequência, de pessoas em processo de envelhecimento - na vida social, por meio de experiências que promovam lazer, cultura, reflexão, autonomia e saúde física e mental.

Referências

BRASIL. Lei 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.html. Acesso em: 14 de out de 2025.

COSTA, D. V. F.; NASCIMENTO, R. P.; DE MOURA, R. G. Os sentidos do aposentar-se na visão de sujeitos aposentados. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 26, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder** (1978). 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GERGEN, K. J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. **INTERthesis, Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 6, n. 1, p. 299-325, 2009.

MARTINS, J. J. *et al.* Políticas públicas de atenção à saúde do idoso: reflexão acerca da capacitação dos profissionais da saúde para o cuidado com o idoso. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, n. 3, p. 371-382, 2007.

SOARES, K. R. A. **Trabalho e subjetividade: uma análise da aposentadoria na velhice**. 2024. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, 2020.

SPINK, M. J. P. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. In: SPINK, Mary Jane P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 41-65, 2004.

Data de recebimento: 10/04/2026; Data de aceite: 15/06/2026

Amanda Passarella Araujo - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: amandapasarella15@gmail.com

Daniele da Silva Fébole – Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP – Assis. Professora no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: dsfebole2@uem.br

Isadora Pereira Martins - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: isadorapemartins@gmail.com

João Henrique Colombo Nascimento - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: joaohenriquecolombo@gmail.com

Luana de Mello Calvo - Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: lumellocalvo@hotmail.com

Marina Kleinschmidt - Mestra em Psicologia pela Johns Hopkins. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Email: marinakleal@gmail.com

Vinicius Vattos Costa - Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: viniciusvattoscosta@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.